

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME II-III



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
1960-61

UM ANEL ANTIGO

Em Março de 1954 foi encontrado, durante a monda, um anel de ouro numa propriedade perto da aldeia da Trindade, que pertence ao concelho de Beja e dista desta cidade cerca de 18 quilómetros.

A pessoa que encontrou o anel vendeu-o a um ourives de Beja, não mencionando o local exacto do achado, talvez por temer que a sua posse fôsse contestada pelo dono da terra.

O anel conservou-se até agora na posse do ourives que, sendo numismata e apreciador de antiguidades, o conservou a despeito das nossas repetidas diligências para que no-lo cedesse.

Quando duma recente visita a Beja do arqueólogo Dr. J. M. Bairrão Oleiro, tivemos ocasião de lho mostrar por amável deferência do seu proprietário. Chamou o senhor Dr. Bairrão Oleiro a nossa atenção para o interesse desta peça de joalharia antiga e isso nos levou a tentar novamente a sua aquisição, no que finalmente fomos bem sucedidos.

Este anel veio portanto enriquecer a nossa colecção arqueológica.

O facto alegra-nos por um lado e embaraça-nos por outro.

Juntamente com o anel adquirimos a obrigação de o dar ao conhecimento público e essa obrigação é excepcionalmente pesada para quem, como nós, muito pouco sabe de jóias antigas, sua técnica de fabrico, motivos e formas de decoração, etc..

Por isso não nos julgamos habilitados a fazer o estudo do anel mas sim, e unicamente, a sua apresentação.

Finda a descrição aguardaremos que qualquer estudioso, especialista em ourivesaria arcaica, integre este anel no conjunto das joias antigas encontradas em Portugal e, eventualmente, estabeleça a sua cronologia.

Ficaremos assim com a consciência do dever cumprido, dentro das nossas fracas possibilidades, e procuramos atingir o nosso fim, isto é, que este anel possa ser convenientemente estudado.

O anel, invulgarmente grande, apresenta externamente dois bordos laterais tendo entre si uma superfície plana onde se elevam, na linha média, pequenos cones pouco distanciados uns dos outros. A parte interna é lisa.

Trabalho imperfeito, parece-nos produto de uma técnica rudimentar.

A distância dum cone a outro é constante e alguns dos cones afastam-se da linha média. Além disso alguns cones apresentam, em

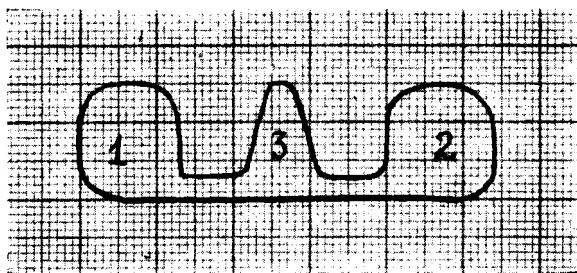


FIG. 1 — Corte do anel

volta da sua base, umas depressões que parecem resultar de pancadas demasiado fortes. Essas pancadas não devem ser posteriores ao fabrico do anel pois os seus vestígios localizam-se junto dos cones e afectam estes, mas não os bordos laterais.

As medidas que encontramos não são constantes. Assim a largura, por exemplo, oscila entre 0,53 cms. e 0,55 cms., pelo que lhe atribuímos 0,54 cms..

O mesmo sucede com as outras medidas e os números, que indicamos a seguir, devem ser encarados como uma média. O peso apontado é rigorosamente exacto.

Diâmetro interior.....	2,30	centímetros
» exterior.....	2,61	»
Largura.....	0,54	»
Peso.....	7,425	gramas

Em corte o anel apresenta-se esquematicamente como mostra a figura 1 (ampliação 10 x).



FIG. 2 — O anel ampliado para o dobro e para o quádruplo respectivamente.

(Página deixada propositadamente em branco)

As medidas encontradas são:

altura dos bordos (1 e 2).....	0,15	centímetros
» do cone (3).....	0,15	»
largura do bordo 1	0,13	»
» » » 2	0,14	»
diâmetro da base do cone.....	0,10	»
espaços entre o cone e os bordos	0,08	»
espessura do aro	0,03	»

Embora não possamos fazer uma afirmação, quanto à técnica de fabrico utilizado no anel, podemos apresentar uma presunção.

É nossa opinião que este anel foi feito com cinzel.

Observado com forte ampliação (20 x) mostra muitas irregularidades, principalmente nos cones e na base deles. Assim, muitos cones são circundados por uma depressão que umas vezes é completa e outras é incompleta, por os dois cones estarem muito aproximados. Parece ter sido intercalado um cone no espaço, demasiado grande, existente entre dois cones primitivamente cinzelados.

A confirmar esta ideia, os cones intercalados tardiamente apresentam-se mais estreitos. Alguns deles mostram uma ou mais superfícies planas voltadas para o bordo do anel ou para o cone imediato, o que parece indicar erro do artífice que, numa derradeira pancada de cinzel, tivesse cortado um pedaço de cone.

Há uma diferença nítida entre os dois bordos, feitos com certa regularidade, e o aro onde se implantam os cones ou os próprios cones que mostram a irregularidade dos golpes. Esta irregularidade, traduzida por sulcos e falhas, pode atribuir-se a deficiência das ferramentas usadas ou a manifesta falta de perícia do artífice.

Não se encontram vestígios de soldadura.

Acreditamos que, partindo dum aro simples, o artista executou primeiramente os dois sulcos longitudinais dividindo o aro em três zonas relevadas distintas e separadas pelos dois sulcos mencionados.

Na parte relevada média foram esculpidos os cones de uma forma bastante rudimentar. Seguidamente foram os dois bordos alisados de modo a apresentarem superfícies bastante regulares. Isto, porque os dois bordos não mostram as irregularidades dos cones e do espaço que entre eles medeia ou do espaço entre os cones e os bordos do anel.

Parece-nos também que esta sequência no fabrico seria a mais simples.

A possibilidade de os cones terem sido feitos separadamente, e soldados na linha média do aro, não se nos afigura viável pois implicaria uma perfeição técnica que o trabalho tôsko do anel não justifica, além de que não se nota qualquer vestígio de solda.

Não parece também de admitir que tivesse sido usada a técnica de martelagem, apresentada para pretender explicar trabalhos semelhantes, pois os cones deviam mostrar os vestígios das pancadas na parte superior, o que não se verifica.

Dadas as reduzidas dimensões dos cones qualquer desses métodos, soldagem ou martelagem, seria trabalho difícil e altamente especializado.

Não consideramos a possibilidade de ter o anel sido fundido, em molde apropriado, por não se justificarem assim as imperfeições que apresenta.

Consultado um técnico de ourivesaria também ele se mostrou francamente partidário do cinzel.

Parece-nos de interesse estabelecer comparação entre este anel e as peças de «Joalheria Lusitana», valioso trabalho de Mário Cardozo publicado em *Conimbriga*, I, 1959.

Nesse excelente estudo dá-nos Mário Cardozo indicações preciosas sobre peças de joalheria antiga cujo motivo decorativo se assemelha muito ao usado no anel que hoje apresentamos.

FERNANDO NUNES RIBEIRO